

Um barulhinho bom e o olhar a três tabelas

• Restauro fiel à origem permite ilusão de um regresso ao passado, só quebrada pela visão das obras do metro na Avenida dos Aliados



EPOCA. O ambiente pouco difere do documentado em fotos dos anos 30

> M. C.

Não fossem as marcas de actualidade nas vestes de algumas pessoas, sobretudo as mais jovens, e dir-se-ia que o ambiente quotidiano do Café Guarany não difere do que surge documentado em fotografias dos anos 30. A recuperação ali efectuada teve justamente esse intuito: devolver à casa a elegância e a coerência antigas. Mantive-se a traça original, onde pontificam os relevos em mármore, e corrigiu-se um erro dos anos 80, com a supressão de um balcão incharacterístico que lá tinha sido colocado para que se pudesse tomar

café de pé. Hoje, quem entra no Guarany já vai avisado: o café serve-se à mesa. E são muitas as mesas espalhadas pelo renovado estabelecimento, agora mais amplo. Mesas e cadeiras dos anos 70, sobre um chão de origem que, embora não seja contemplado pelos vários espelhos da parede, faz as delícias de quem vive a olhar para baixo.

O naípe de empregados preserva a indumentária do início: calças pretas e camisa branca com divisa dourada nos ombros. Ao fundo da sala, um piano preto anuncia os fins de tarde e as noi-

tes de jazz, com formações convidadas. Durante o dia, o burburinho sabe pela vida, a heterogenia é um regalo para a vista cansada de um Porto dividido em grupos. Há um travo a classe média, essa quase miragem que tanta falta faz à cidade. E há telas de Graça Moraes a recuperar motivos índios, em alternativa a outros pontos de fuga, como as magníficas janelas que, de momento, dão para uma Avenida dos Aliados esventrada pelas obras do Metro.

Especialidades gastronómicas são várias, desde as saladas com algas e outros ingredientes pouco convencionais até aos pratos tradicionais, como as pataniscas de bacalhau, o arroz de pato mudo, o cozido à portuguesa ou as inevitáveis tripas à moda do Porto. Os preços, mesmo longe do raquitismo, não atentam contra a sanidade das carteiras.

No piso de baixo ficam as casas de banho, também elas convenientemente restauradas, e espaços reservados ao serviço. Já não há ali bilhares, até porque de outra forma a recuperação trairia a matéria de origem. E, bem vistas as coisas, nem são precisos, que os olhos chegam para fazer tabelas secas – e molhadas – nos olhos de outras mesas.

Junto às telas, fique-se já a saber, ninguém fuma. É ordem do proprietário – e diga-se que louvável. Quantas galerias têm esta preocupação com os objectos expostos? A partir da segunda linha de mesas já entra o cigarro, mas o sistema de exaustão encarrega-se de despoluir o ambiente. Em boa verdade, deve dizer-se que o ar é francamente respirável.

Das oito da manhã à meia-noite, o Guarany melhora a qualidade de vida na Baixa do Porto.